

SIG BERGAMIN

ETIQUETA ANO 2000

A História já nos contou muitas histórias velhas e novas sobre o melhor jeito de se comportar em sociedade, seus códigos, modismos e boas maneiras. Tudo mutável, claro, dependendo dos fatos e momentos sociais. E o mundo continua correndo e mudando numa velocidade que às vezes parece até meio difícil acompanhar o passo. Daí fica aquela pergunta: como será o código de etiqueta no ano 2000? Eu, com as minhas fantasias e expectativas, acho que algumas coisas ficam mais ou menos assim...



Jantar sentado à mesa deve sobreviver pelos séculos e milênios

Abriu, para a mulher, a porta do carro, pode daqui a pouco virar uma atitude obsoleta. Tanto imaginar só não está longe de aquele modelo novo de porta automática que elimina qualquer possibilidade de gentilezas. Sem falar da pressa e ansiedade de cada um, a cada dia coisa mais notável.

Uma regra certamente destinada a cair por terra é aquela de todos esperarem até que todos estejam servidos, para só então começar a comer. Com a globalização e um conseqüente cada vez maior número de opções, tento imaginar: como seria possível tal proeza se uma pessoa do grupo pediu um *Patê de Pequi* enquanto outra vai querer apenas um *Penne ao Sugo*?

Comentários quase simplórios do tipo "Nossa, como você engordou nos últimos meses" nunca fizeram parte de qualquer código de boas maneiras. Para um milênio novinho em folha, muito menos, acredito. Falta de civilização tem limite e, afinal de contas, de quantos milênios mais precisaremos para nos tornarmos um planeta mais educado?

Devem acabar também as formalidades do tipo "R.S.V.P." Tomara que esta sigla vire código limitado às grandes empresas. Amigo em casa não precisa de reserva, acho eu.

Acender o cigarro da mulher é também um cavalheirismo fadado a cair fora, pela razão óbvia de que, se as campanhas antitabaco continuarem no seu furo cruzado de banir qualquer sinal de fumaça, simplesmente não haverá mais fumantes. Ou se houver uma minoria, acender um cigarro vai se tornar um ato de grosseria imperdoável.

A gentileza de oferecer um jantar sentado deve (espero) sobreviver pelos séculos e milênios vindouros, porque sem dívida é a "melhor boa maneira" de receber pessoas verdadeiramente bem-vindas. Comer com prato no colo é charmoso em festinhas de 15 anos. E a vasta maioria do planeta já deverá ter passado.

Na hora de pagar a conta, em se falando do ano 2000 e pela velocidade com que as mulheres estão ocupando seus devidos lugares na sociedade, é bem mais provável que ela — a mulher — vá puxar aquela recheada carteira, lotada de cartões magnéticos poderosos e generosos com o sexo oposto, digo, frágil.

E o casamento? Vocês acham que na virada de mais um milênio o homem — um estranho à família — é quem vai continuar com a tarefa de "pedir a mão" da moça? Numa era em que os dois já terão passado muitos e muitos fins de semana dormindo juntos no quarto de hóspede ali ao lado?

Quem falou que o homem tem de "levar" na hora da dança? Se continuar pensando assim ele é quem vai acabar dançando... sozinho e barrado em pleno baile. Afinal, com ou sem par, o show tem de continuar.

Códigos de etiqueta mudam, mas nunca vão mudar as leis naturais de boas maneiras. Levantar flores ou presentes quando for convidado para um jantar ou uma festa, cartões de agradecimento, notas ou recados amigáveis, telefonemas para saber dos amigos, demonstrações de carinho, gratidão ou reconhecimento. Estas são mostras de boa educação e elegância. Coisas que nunca poderão sair de moda.

Sig Bergamin é arquiteto e decorador E-mail: sbergamin@aol.com

Clube de Criação exibe comerciais premiados

Os comerciais e anúncios publicitários premiados do Festival do 23º Anuário de Criação serão apresentados hoje no Pavilhão da Fundação Bienal de São Paulo, às 20h, para convidados. Ao mesmo tempo, será lançado o 22º Anuário de Criação, com os vencedores da edição passada.

Foram 4.076 trabalhos inscritos, divididos em 4 categorias: tevê, cinema e rádio; jornal e revista; outdoor; material promocional. Destes, expostos ao público entre 8 e 14 de abril no Pavilhão da Fundação Bienal de São Paulo, passaram para a segunda fase 849 peças escolhidas por um júri de 30 diretores de criação eleito pelos associados do Clube de Criação. Amanhã, serão conhecidos os cerca de 600 finalistas, que integrarão o 23º Anuário de Criação, além dos três primeiros colocados e o que merecer menção honrosa.

Entre as 849 peças que concorrem estão quatro anúncios de campanha da Coleção *Pagode e Axé*, e 12 peças publicitárias de *O Estado de S. Paulo*. "Em mídia impressa, o nível dos trabalhos não fica em nada devendo ao que está sendo feito no resto do mundo. Apenas em mídia eletrônica a parte de produção fica um pouco atrás: os anunciantes são menores, gastam-se menos dinheiro", avalia o vice-presidente do Clube de Criação, Eugênio Mohallen, diretor de criação da Almap.

Ele ressalta também o crescimento de público leigo interessado pelo Festival, o maior do gênero no Brasil. "Interessante notar que este ano houve também maior participação de trabalhos vindos de outros Estados. Em publicidade, pelo menos, o Brasil não tem nada de Terceiro Mundo."

Novo dicionário traz gírias e neologismos

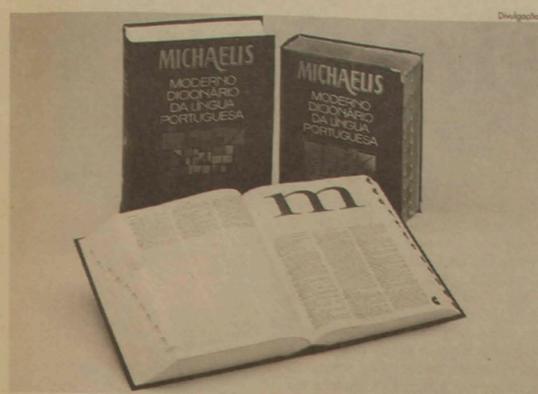
IMPRENSA FOI UMA DAS GRANDES FONTES DA PESQUISA, QUE DUROU DEZ ANOS

Deletar, CD-ROM, workaholic, Internet. Palavras como essas, que até hoje só estavam previstas na linguagem utilizada no dia-a-dia e impressa nos jornais, agora ganham um registro permanente. Elas estão entre os 201.154 verbetes do novo *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, da Editora Melhoramentos, que chega às livrarias na próxima semana, depois de dez anos de pesquisa.

Pelo número de verbetes e pela ênfase dada ao português falado no Brasil, a obra pode ser comparada ao *Dicionário Aurélio* — que registra entre 120 mil e 130 mil palavras. A localização dos verbetes espalhados por suas 2.259 páginas é facilitada por pequenos cortes nas bordas das páginas — as chamadas dedeiras, comuns em edições da *Bíblia*.

A grande novidade, entretanto, são as fontes utilizadas como referência para a obra. *O Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, lançado pela Melhoramentos na década de 70, serviu como primeiro banco de dados. Depois, os 49 profissionais envolvidos no projeto foram recolher na imprensa neologismos e gírias que dificilmente seriam contempladas em obras acadêmicas.

"Procurávamos palavras de uso comum e outras novas, que tivessem sido utilizadas pelo menos três vezes em mídias diferentes como jornais, romances e publicações especializadas", comenta o editor Walter Weiszflog. É o caso de "teresa" (corda feita com lençóis e utilizada por presidiários em suas fugas) e "lep-top" (computador pequeno e leve o suficiente para ser carregado).



O novo Michaelis: mais verbetes que o tradicional Aurélio

"Como não existem órgãos normatizadores da língua, cabe a nós, dicionaristas, registrar como as palavras são usadas hoje", argumenta o lexicógrafo Clovis Gregorim. "A palavra 'caubói', por exemplo, figura no dicionário com ortografia abreviada utilizada pelo *Jornal da Tarde* e pela *Folha de S. Paulo*."

A editora investiu US\$ 1 milhão na nova publicação. Para que ela continue atualizada, terá edições reformuladas a cada cinco anos.

A obra é o principal lançamento da Melhoramentos para a Bienal do Livro deste ano — que começa dia 29, no Expo Center Norte — e também está disponível em CD-ROM. A primeira edição sai com 5 mil unidades, vendidas a R\$ 139 cada. Na versão impressa, o preço é de R\$ 70.

"O dicionário chega às livrarias simultaneamente ao seu lançamen-

to na Bienal, e já sai em sua segunda edição", informa o diretor da Melhoramentos, Breno Lerner. É que metade dos 20 mil exemplares da primeira impressão já foram vendidos para grandes redes de livrarias como Siciliano, Atica e Cultura e outros mil estão sendo enviados para distribuidoras de Portugal.

Na Bienal, entre 80 novos títulos, a Melhoramentos lança também o *Michaelis Tech Dicionário Visual* (960 págs., R\$ 129). Nele, em vez de procurar por verbetes, o leitor pesquisa ilustrações. Elas aparecem identificadas em português, inglês, francês e espanhol. Será o 38º título da coleção de dicionários Michaelis, lançada há 40 anos e hoje responsável por 30% do faturamento da editora.

Sara Duarte

Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Ed. Melhoramentos, 2.259 págs., R\$ 70.

'CORLUZ', A LUZ DAS CORES

Mostra de Hermelindo Fiaminghi que se abre hoje lembra obras impressionistas

Hermelindo Fiaminghi inaugura esta noite a exposição *CorLuz*, um conjunto de pinturas que remetem às experiências cromáticas dos impressionistas. Desde os anos 50, quando participou do movimento concretista ao lado de Waldemar Cordeiro, Geraldo de Barros e Décio Pignatari, entre outros, o pintor já queria desvendar o efeito luminoso das cores.

No entanto, foram necessários muitos anos para que ele transformasse essa curiosidade em arte. "Só quis mostrar que depois da arte concreta, construída, é possível mostrar uma arte que tem liberdade", diz o pintor, que considera estar passando pelo melhor momento de sua carreira.

A atual pintura de Fiaminghi alia o rigor abstrato do concretismo à liberdade do gesto e ao uso livre das cores. Mas ele faz questão de ressaltar que não pretende de forma alguma renegar o concretismo, que lhe deu condições formais de apresentar a *corluz* — termo que cunhou para designar a vibração e a luminosidade obtida pelo contraste cromático. Ele também insiste em dizer que seu trabalho não é uma representação da realidade. "Fui à natureza apenas para poder formalizar um conceito."

Um aspecto interessante da obra de Fiaminghi é que ele realiza todas as etapas do processo de criação, des-



Fiaminghi: uso livre das cores, no melhor momento de sua carreira

de a construção do chassis, a exemplo de seu mestre Alfredo Volpi. Também foi com Volpi que aprendeu a fazer a *têmpera de ovo*, à moda florentina, usada em suas telas.

O artista usa a transparência da *têmpera* em todos os trabalhos, mas recentemente passou a concluí-los com tinta à óleo. Outro elemento que diferencia suas obras no tempo — os 20 quadros da exposição foram feitos ao longo de 5 anos — é a flexibilização das formas. Nos trabalhos mais antigos elas eram rigoro-

samente geométricas e simples, mas com o tempo foram adquirindo maior complexidade.

A primeira exposição de Fiaminghi em três anos será inaugurada ao som do grupo de música antiga *Harmonia Universalis*, realçando ainda mais o ritmo de sua obra.

Maria Hirszman

'CorLuz' — pinturas de Hermelindo Fiaminghi na Galeria Nara Roesler (Av. Europa, 665, tel.: 853-2123). De segunda a sexta-feira, das 10h às 20h, e sábados, das 10h às 14h. Até 14/5. Abertura hoje, às 21h.

E MAIS

Telão do U2 entra em filme de Phil Joanou

O U2 vai servir de peça-chave para a história do filme *Entropy*, do diretor Phil Joanou. A banda irlandesa concordou em rodar cenas durante os últimos shows da turnê *PopMart*, na África do Sul, por conta de sua amizade com Joanou, que dirigiu o documentário *Rattle and Hum*, sobre as apresentações que a banda fez nos EUA em 1987.

Na história de *Entropy*, o personagem principal (Stephen Dorff) convence o U2 a projetar as imagens de seu casamento no gigantesco telão atrás do palco para surpreender sua mulher e tentar uma reconciliação. As cenas com o vídeo foram rodadas sem que o público, de 70 mil pessoas, fosse avisado, durante a execução da música *Mysterious Ways*. Todos os integrantes da banda também têm falas no filme. Depois de fazer *The Original Soundtracks 1*, disco de trilhas de filmes imaginários, lançado em 1995, Bono tem se interessado por cinema.



DE VOLTA — Courtney Love deve voltar a trabalhar com o diretor que fez com que ela ficasse conhecida no cinema, Milos Forman (de *O Povo Contra Larry Flynt*) convidado a cantora para participar de seu novo projeto, sobre a vida do comediante Andy Kaufman. Ela deve aparecer ao lado de Jim Carrey e Danny DeVito.

Morre o criador do conceito de pós-moderno Jean-François Lyotard

O filósofo francês Jean-François Lyotard, que morreu recentemente, aos 73 anos, após um longo período sofrendo de leucemia, deixou como maior herança o conceito de pós-modernidade, ou seja, de que a época contemporânea, ao mesmo tempo que cumpriu as promessas pelas quais as chamadas vanguardas lutavam no Ocidente desde o século 18 — a sociedade democrática e pluralista, o avanço das ciências e da tecnologia — também é uma época de mal-estar espiritual e ainda de exclusão social, não havendo, com o fim da utopia comunista, perspectivas de que isso possa melhorar em prazo previsível.

Lyotard nasceu em Versalhes em 1924. Formou-se em Filosofia e se tornou inicialmente professor secundário, logo depois da Segunda Guerra Mundial.

Então, aderiu ao neotrotskismo que se agrupava em torno da revista *Socialisme ou Barbarie*, dirigida pelos filósofos Claude Lefort e Cornelius Castoriadis. Tornou-se, no começo dos anos 60, professor universitário na Argélia, então colônia francesa, e depois, a partir de 1972, na Universidade de Paris-8, tendo sido também professor-visitante em universidades no Brasil, Dinamarca, Canadá, Itália, Alemanha e Estados Unidos.

Como filósofo, inicialmente preocupado com a teoria da arte, passou de cultor de um marxismo renovado pela psicanálise a crítico tanto do marxismo, como da psicanálise e do estruturalismo. Pouco a pouco, foi desenvolvendo o conceito propriamente filosófico de pós-modernidade (termo inicialmente usado por arquitetos para indicar os novos estilos que, a partir dos anos 50 e 60, não mais seguiam o modernismo arquitetônico dos anos 20 e 30).

Em suas obras principais, procurou avaliar até que ponto a forma de se expressar algum conteúdo condicional ou não a transmissão desse conteúdo (*Discurso, Figura*, de 1971), e debateu o chamado freudomarxismo, ou seja, a corrente que reunia a psicanálise às teses marxistas (*Deriva a Partir de Marx e Freud*, 1973). Depois, procurou demonstrar que a vida econômica baseada em instintos sexuais (*A Economia Libidinal*, 1974).

Seu livro mais famoso, *A Condição Pós-Moderna*, de 1979, buscou constatar que, no mundo de hoje, não há mais lugar para os grandes sistemas de explicação da vida humana a partir dos quais se faziam projetos para o futuro, como foram, entre outros, o marxismo e a psicanálise.

Com menor repercussão, publicou em 86 *O Entusiasmo* e, em 92, *Leituras da Infância*, em que aprofundou suas discussões sobre a pós-modernidade, ou seja, sobre o desencanto de intelectuais e artistas com o mundo que foi criado a partir dos programas das vanguardas literárias e artísticas do passado.

Renato Pompeu

JULIA ROBERTS

Hugh Grant e Julia Roberts acabam de começar a filmar em Londres a continuação de *Quatro Casamentos e um Funeral*.

A atriz ganhará US\$ 13 milhões por nove semanas de filmagens. Ela viverá uma estrela de cinema americana que se apaixona por um vendedor de livros usados (Hugh Grant). O filme tem o título provisório de *Projeto Notting Hill*.

Morre Egill Jacobsen, pioneiro da arte abstrata

Egill Jacobsen, pioneiro da arte abstrata dinamarquesa, morreu recentemente em Copenhague, aos 87 anos. Na década de 30, ele trabalhou em Paris, ao lado de Pablo Picasso, Joan Miró e Max Ernst. Ele também participou ativamente do grupo Cobra, fundado em 1948 pintores da Dinamarca, Bélgica e Holanda. Jacobsen era conhecido por suas expressivas máscaras pintadas em cores brilhantes.